

Discurso na Cerimónia do Doutoramento Honoris Causa, no Centro Universitário de Brasília CEUB

Magnífico Reitor

Ilustres Professores

Minhas senhoras, meus senhores

É com enorme prazer que aqui estou, neste Centro Universitário de Brasília, cidade que há mais de sessenta anos revelou ao mundo toda a dimensão do sonho, da competência e capacidade de realização do povo brasileiro. Estou aqui, diante de vós, Magnífico Reitor e ilustres professores, porque em mim viram alguém merecedor desta honraria, desta nobre distinção e homenagem muito especial, outorgada por esta casa do saber, que há mais de meio século vem ensinando, formando e preparando milhares de estudantes para a vida.

Sou, assim, recebido, desta forma calorosa e amiga, num centro universitário que é referência do ensino nesta região centro-oeste, do vosso belo e vasto país, e cujo contributo para a elevação da qualidade do ensino superior no Brasil é inquestionável, neste meio século que passou, desde a sua criação. Faço questão de assinalar a importância deste facto, pois também fui, durante largo período da minha vida, professor de Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, e mais tarde, responsável pela criação do Curso de Direito na Universidade da Ásia Oriental, em Macau, na China. Mas também no meu país fui fundador de um Instituto Superior de Ciências Sociais e Jurídicas, a primeira escola de Direito de Cabo Verde. Todos aqui estamos conscientes do valor e da importância que uma instituição de ensino superior como a CEUB tem para a sua cidade, a sua região e o próprio país.

Falando de região e de país, estou certo que do meu, das ilhas atlânticas de onde venho, muitos já terão talvez ouvido falar. Mas nem todos

suponho, saberão qual a nossa concreta história e a sua estreita relação com a do Brasil. Ao sobrevoar esta região, na minha viagem para Brasília, o meu olhar perdeu-se por estes campos vastos, montes, rios, florestas, cidades, que se estendem por milhares de quilómetros, sob as nuvens. Uma região gigantesca para nós: fértil, rica, generosa, acolhedora bem diferente do meu país e que, como o Nordeste brasileiro, convive em dez ilhas e mais alguns ilhéus, situados a 500 quilómetros da costa africana, no meio oceano Atlântico, o “mar-oceano”, como era chamado quando os europeus e africanos começaram a chegar naquelas praias, há 500 anos. Uma vastidão aquática, como podem imaginar, que, ao longo de cinco séculos, tivemos de aprender a ultrapassar, a vencer, a domar, para garantir o sustento das nossas famílias e alimentar o nosso conhecimento do mundo. À chega dos portugueses, no século XV, as ilhas eram desertas, inabitadas, como asseveram os historiadores. E ao longo do período do povoamento, com africanos escravizados e europeus de diferentes origens, o mar sempre foi fronteira, mas também espaço de consolo e de união. Separou-nos, mas também nos ligou ao resto do mundo, fazendo entrar essa maresia nas nossas veias e misturando-a com o sangue.

Para quem chega e vai se aproximando, verá, se destacando no meio do azul, as nossas montanhas imponentes, castanhas e cinzentas - ou de acordo com as cores quentes que o sol lhes concede -, a maior parte calvas e escalavradas e não verdes e polidas, como a fruta fresca dos vossos pomares e mercados. O agreste é a nossa condição de vida e o árido e o semi-árido as nossas estações do ano, onde peneiramos e misturamos a esperança com a escassa chuva que vai caindo, na sua curta época, ou se esquecendo de cair. As nossas baías e calhetas são tranquilas e exuberantes, e aqui as ondas e as marés se acalmam, ao entrar. A escarpa vertiginosa de uma montanha pode esconder, no seu interior, uma surpresa na forma de um coração de beleza luxuriante e misteriosa, durante semanas, depois das últimas chuvas. E esta será a

excepção nessa nossa árida reputação e que confirma a regra da terra
cálida e seca das ilhas de Cabo Verde.

Há quem assim caracterize as ilhas:

«Absoluto azul de arquipélago,

vórtice de mistérios

e saudade.

Ilhas seladas pelas ondas

e temperadas por melaço

e búzios.

Há leme e algas na coroa

do poema

que não deseja ser

abril,

mês de todos os pecados,

tempo de todos os sortilégios.»

Permitam-me que vos conte, Magnífico Reitor e ilustres professores, como esta nação, de que orgulhosamente faço parte, se formou na base de tantos pedaços do mundo, no caldo de diversas culturas, crioulandando-se nessa têmpera de matizes, de raças, cores, falares, religiões, respirando coragem, resiliência, sonho, ambição e humildade. Do meio do mar surgiu este ritmo de vida mestiço, onde homens e mulheres se levantam, todas as manhãs, para um novo dia, que tem de ser criado do princípio, com os mesmos parcos meios, num improviso constante, embalados pela ligeira brisa matinal. Mas o coração bate sempre nobremente, sem que no seu vocabulário existam as palavras seco, estéril, dramático ou austero. A luz que nos banha não permite más impressões ou temores catastrofistas. Ao longo da história, tivemos a nossa boa dose de agruras,

dor e sofrimento, mas conquistámos a nossa dignidade, derrotando e vencendo fomes, calamidades e mortandades originadas pela seca. Alcançámos a desejada liberdade de decidir o nosso próprio destino, como Estado independente, pela firmeza das nossas convicções, perseverança na acção e clareza de objectivos. Estes sempre marcaram o rosto dos homens e das mulheres das nossas ilhas.

Não há cor, imaginária que seja, que não se exhiba nos olhos e no sorriso do meu país.

Não há dor, viandeira que seja, que não atravesse os caminhos sinuosos da pátria que se nos ofereceu, andarilha e vária. Livre das rugas do silêncio.

Um país, de tão livre que, na sua elegante e serena caminhada, amiúde não reconhece a própria voz.

Magnífico Reitor

Essas ilhas do meu berço, de que vos falo, e que albergam essa nobre e resistente população crioula, que descrevo, não foram alvo do olhar de deuses do Olimpo. O grande Zeus não reinou sobre elas, nem Atena as mirou lá do alto. O nosso mar, as suas profundezas, não foi singrado nem sentiu o toque dos longos cabelos azuis de Poséidon; e tão pouco inspirou aventuras de Medusas, Minotauros e Ciclopes.

Mas, permitam-me que vos fale dessa verdadeira Odisseia que foi sobreviver cinco séculos de quase perecimento e esquecimento; contar-vos como graças a esses verdadeiros Ulisses e Penélopes, homens e mulheres que carregaram o destino dessa terra nas suas costas, fomos traçando, com vigor e determinação, o nosso caminho. Um trabalho intrépido, numa longa e difícil viagem de séculos, a bordo dessa espécie de flotilha de pedra, ancorada no tempo e num espaço longe do mundo e permitiu esculpir uma identidade original, amálgama de identidades várias que encontraram na cultura cabo-verdiana a possibilidade de sua

perenização. A 5 de Julho de 1975 conquistámos a independência nacional, que, no essencial, traduziu a harmonização da nação, forjada, por vezes de forma dolorosa, ao longo de séculos com o Estado. Hoje seremos pouco mais de um milhão de pessoas, vivendo nas ilhas e na diáspora, em todos os continentes. Somos uma nação multifacetada, com vários rostos, diferentes línguas e países de adopção, mas um só corpo de raiz e uma só língua de unidade. A língua crioula, cantada e falada, baseada no português, é a nossa artéria de comunicação e definidora da nossa identidade nacional e cultural. É o canto ancestral que vem do fumo dos primeiros fogos, do aroma das primeiras refeições cozinhadas, brandamente, na noite dos tempos, que nos guia e conduz, nos ilumina os corações e nos dá a medida certa da nossa pertença nesse chão primordial.

O regime democrático e os seus princípios basilares chegaram às nossas dez ilhas faz este ano trinta anos, em 1991, com a realização das primeiras eleições livres e democráticas. E desde então iniciámos um processo de desenvolvimento sustentado, apoiado na estabilidade política e no aprofundamento das nossas instituições democráticas, na aposta forte na educação e na saúde e na criação de infraestruturas básicas, em todas as ilhas. A realização de eleições locais, autárquicas, aprofundaram ainda mais o nosso regime democrático, tornando Cabo Verde um farol da democracia em África, onde ocupa, actualmente, a segunda posição, num conjunto de mais de cinquenta países.

De país independente, em 1975, e que muitos consideravam inviável, Cabo Verde alcançou, nestes 46 anos, níveis de desenvolvimento económico, de literacia e de rendimento per capita, que o colocam hoje no grupo dos países de desenvolvimento médio, e num lugar invejável no conjunto dos países do continente africano, para só falar nestes, em matérias como democracia, boa governação e liberdade de imprensa.

Este grupo de ilhas que acabo de vos descrever tem mais em comum com o Brasil, o quinto maior país do mundo, do que se poderia à partida pensar. Interessa relembrar que a sede de liberdade, a vontade de desvinculação da então Metrópole portuguesa, por parte dos ilhéus, e da busca pelo seu próprio caminho, curiosamente, surge, pela primeira vez na nossa história, como consequência directa da independência do Brasil, no início do século XIX. De facto, uma corrente de opinião existia nessa época, em Cabo Verde, orientada por um ideal de liberdade, autoconsciência do seu próprio destino e de maior progresso material para o seu povo, impulsionada pelo que se chamou de ‘partido pró-Brasil’. Este juntava um grupo de liberais que propunham a separação das ilhas de Cabo Verde de Portugal e a sua anexação ao Brasil, recentemente tornado independente.

Mas as ligações entre os nossos dois países recuam ainda mais no tempo, e dá para ver como é antiga essa relação. Na época do povoamento das ilhas de Cabo Verde e do Brasil das Capitánias, foram muitas as culturas aqui introduzidas pelos portugueses, depois de terem sido experimentadas nas nossas ilhas, numa espécie de ‘laboratório’ ou de ‘incubadora’ de produtos. Na sua célebre viagem, o navegador Pedro Álvares de Cabral passou por Cabo Verde, antes de chegar ao Brasil. Ali se reabasteceu de víveres e água, na ilha de São Nicolau, como ficou registado na Carta de Pêro Vaz de Caminha.

Cabo Verde recebeu plantas e animais, numa primeira fase levadas da Europa e da Costa Africana e depois, numa segunda fase, do Brasil; a cana-de-açúcar foi introduzida em Cabo Verde vinda da ilha da Madeira, no Atlântico, e só depois trazida para o Brasil; com a cana vieram os chamados ‘escravos ladinos’, formados nas ilhas de Cabo Verde, bem antes do tráfico a partir do Golfo da Guiné; o ‘negro cabo verde’, como eram conhecidos na Capitania de Ilhéus e depois em São Salvador da Bahia, era aquele que dominava a técnica do fabrico da aguardente (da cachaça) e tinha conhecimentos de panaria, artes e ofícios aprendidos na cidade da Ribeira Grande de Santiago, em Cabo Verde. O coco da Índia

aclimatou-se primeiro nas ilhas de Cabo Verde e depois foi introduzido no Brasil; o arroz e o inhame chegaram ao nosso arquipélago, vindos do continente africano e dali vieram para o Brasil; as primeiras vacas, cavalos, ovelhas e cabras vieram para o Brasil a partir de Cabo Verde; do Brasil foram levados para Cabo Verde o feijão, o milho, a mandioca, a abóbora, de onde foram introduzidos no continente africano e na Europa.

Como podemos verificar, os métodos utilizados para desbravar o Brasil foram antecidos em Cabo Verde, num processo experimental, por, pelo menos, 40 anos. Mas a influência não ficou por aí. Já em finais do século XIX inícios do XX, foram muitos os navios brasileiros que escalaram a Baía do Porto Grande, da cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente. Aqui, a presença assídua de marinheiros baianos e cariocas tiveram uma grande influência na música tradicional cabo-verdiana, em especial num género conhecido pela morna. A literatura brasileira também teve um papel fundamental e marcou profundamente a literatura das nossas ilhas, sobretudo depois da Semana de Arte Moderna, de 1922, cujos ecos chegaram a Cabo Verde, inclusive no nosso movimento literário fundador da nossa modernidade, a Claridade, dos anos 30. Toda a literatura nordestina deste período e nos anos seguintes, através da pena de escritores como José Lins do Rego, Euclides da Cunha, Jorge Amado, Rachel de Queirós, Graciliano Ramos, apontou o caminho que haveria de ser também seguido pelos homens de letras das nossas ilhas. Por outro lado, e mais recentemente, devo também ressaltar o facto de milhares de jovens cabo-verdianos se terem formado aqui no Brasil, em universidades e institutos, logo após a nossa independência, e que o vosso país continua sendo o destino de muitos mais, todos os anos. Juntamente com uma comunidade de cabo-verdianos emigrados, especialmente em S. Paulo e Rio de Janeiro, vivificam esta histórica relação. Como podem ver, os nossos caminhos sempre estiveram ligados.

A cabo-verdianidade nasceu de gente negra, branca, mestiça, europeia, africana, cristã, uma realidade que não cabe num único continente. Uma realidade cultural construída a partir de contribuições físicas e imateriais

de diferentes latitudes, teria de ter necessariamente como características fundantes a abertura ao mundo, a receptividade a novas coisas e novos valores. Os diferentes valores foram sendo partilhados, uma realidade unificadora, ainda que diversa, foi-se estabelecendo, uma cultura foi-se insinuando nos interstícios dessa vida muito difícil, com uma característica marcante que é a sua abertura ao outro, ao diferente, ao mundo que chega de outros mundos. Em Cabo Verde, minhas senhoras e meus senhores, somos africanos, somos europeus, somos cristãos, somos negros, somos brancos, somos mestiços, somos gente do mundo. Enfim, seria aqui capaz de afirmar que se fizeram, com os tempos, ilhas e ilhéus, em arquipélago sinuoso e movediço. Cerimonioso e aturado labor de deuses cintilantes e enfeitados, os quais, destarte, surgiram fizeram povo bendito, aos céus e aos mares, em crescendo, afeiçoado.

Não é sem uma ponta de emoção que verifico tantas similitudes entre Cabo Verde e o Brasil. O que, certamente, terá levado o compositor B.Léza a sentenciar, poeticamente, numa bela morna («Nôs sonho») – dedicada a Gilberto Freire e divulgada por muitos intérpretes, entre os quais destaco Bana e Nancy Viera - , que ês nos terra pequinina é um pedacinho do Brasil./ Brasil que nós tude tem na peite/ Brasil que no ta sinti na sangue / Brasil bô é nós irmão/
Sim cma bô é morena/Brasil no creb txeu/nô kreb txeu de coração...
/Brasil bô é nós sonho/Bô é nós céu azul.

Daí que me atreva a dizer aqui, perante este distinto auditório, que é legítima e passível de realizar a ambição de mais Cabo Verde no Brasil e mais Brasil em Cabo Verde, quando penso no futuro do relacionamento entre os dois países, em termos de cooperação, ainda que ela seja, hoje, de bom nível e diversificada.

Magnifico Reitor

Como podem compreender, pela forma como me vos dirijo, é sempre mais fácil falar do meu país, do meu povo, dos homens e mulheres das ilhas, do que de mim próprio. Mas porque sou eu a pessoa por vós escolhida para esta contagiante homenagem, não terei como escapar a esta tarefa. Mas falarei, começando por dizer que a esses homens e mulheres eu devo o facto de poder estar aqui, diante de vós. A eles eu devo o empenho colocado na minha acção política, desde a minha juventude, lutando ao lado daqueles que desejavam a liberdade e a autodeterminação do seu povo. Falo-vos, neste dia, enquanto Presidente da República de Cabo Verde, já nesta fase final do meu segundo e último mandato. Mas quero dizer que o faço com a mesma satisfação, empenho e orgulho, com que iniciei as minhas primeiras funções, como político e servidor público, quando aceitei o cargo de Director Geral da Emigração, ainda nos anos setenta, com apenas 25 anos de idade. A política sempre foi uma paixão, uma actividade exercida no calor dessa combustão de sonho e realizações, e que não pode ter outro objectivo que não seja o bem-estar das nossas populações, pois são elas os destinatários finais de todas as nossas acções.

A maior parte dos que aqui estão compreenderão muito bem se disser que a vida é uma verdadeira corrida de obstáculos. Somos impelidos por sonhos e ideais, por desafios, decisões que tomamos, opções que fazemos, mas sempre guiados por essa centelha que brilha na nossa mente e no coração, aquilo a que chamamos intuição. É a medida do nosso caminho, uma espécie de bússola para essa navegação da vida. De cabotagem e de longo curso. E se algum destino nos persegue, tentando nos agarrar, a nós ele nunca se revela, qual sombra misteriosa - nunca mostra a sua cara. Talvez para não nos distrair do nosso trabalho, dos nossos projectos, do labor e empenho que colocamos no dia a dia, na defesa das nossas convicções.

As minhas foram, muito cedo, cozinhadas numa espécie de panela de três pernas: A política, o ensino – sobremaneira, o direito criminal - e a literatura (ao fundo, o futebol). Três caminhos que orientariam a minha

vida, e me permitiram enxergar mais longe e com mais clareza, à medida que avançava na vida. E esta foi sendo construída através da viagem, do riso e do sonho, progredindo com os olhos no horizonte, aquela linha de mar que nunca nos abandona. Penetramos a névoa da utopia, acreditando, como humanos que somos, que vale a pena o esforço e o empenho para ajudar a fazer da vida e do mundo um espaço de felicidade, de bem-estar para os outros. É daí que vem essa paixão indomável pela liberdade, pela causa pública e cidadã, pela democracia e confiança num futuro cada vez melhor e mais solidário.

Minhas Senhoras, meus Senhores

Que poderia eu dizer sobre esses anos em que estive diante de uma classe de alunos, no meu país, na Europa ou na China? Os ilustres professores aqui presentes nesta honrosa cerimônia, conhecem muito bem essa vertigem que vive todo aquele sempre que, nos olhos dos alunos, vê o retorno, esse respaldo único e inequívoco, pelo seu esforço e empenho, aquele prazer especial que retira desta nobre profissão. Trata-se de uma função que remonta aos nossos ancestrais mais longínquos, a base para a aprendizagem dos contornos e domínio da própria vida. Foi essa transmissão do conhecimento, esse momento mágico, multiplicado infinitamente, que permitiu ao ser humano encontrar o caminho da civilização, do progresso, da paz e do desenvolvimento harmonioso entre os seus semelhantes. Profissão nobre, portanto, de que nos orgulhamos e que dá sentido às nossas vidas.

Mas também a literatura, cuja força motriz parece tornar-se a busca do aperfeiçoamento da criatura humana, Magnífico Reitor e ilustres professores, como marinheiro desse mar de palavras, que nos permite navegar na corrente sanguínea da nossa existência, retratá-la, explorá-la, interpretá-la e dar-lhe algum sentido; explorar as vozes que ecoam no silêncio dessas noites acordadas, quando o planeta parece ficar mais leve e as marés da insônia, escapando à Lua, trazem as relíquias e os salvados do dia às nossas praias mais íntimas. A poesia como a rede do solitário

pescador de quimeras e de cidades e universos invisíveis, que vamos construindo e desconstruindo no espírito livre e irrequieto. Essa, amiúde mágica tapeçaria de imagens e sonoridades, que seria, na utópica construção de alguns, a única salvação do mundo.

Da mesma forma que ao longo da minha vida de professor escrevi vários livros sobre o crime, as prisões, o Direito Penal e o seu Processo, fruto da minha investigação, referentes a um mundo em sociedade, que se quer organizado, sistemático, coerente, ordenado, também fui escrevendo sobre o soltar das amarras do ócio e os diferentes canais da liberdade, liberdade poética, levado pelo voo arquejante da imaginação, essa musa esguia e imperdoável que nos persegue. Ela também dá sentido ao lado inconstante e menos racional das nossas vidas, aquela parcela que nos permite ganhar asas e reordenar as peças do nosso dia a dia, mudá-las de lugar, obter novos pontos de vista, baralhar os mapas desta nossa passagem pela vida.

Tudo o que leva o poeta a proclamar, no derradeiro trecho de obra que acaba de publicar:

Liberdade:

Hino que trago dentro de mim, qual folha não aparada de um livro, sempre pronto à chamada para uma ansiada e sempiterna celebração.

Gostaria de referir, ainda, o sabor que levo na boca e me penetra o coração, por poder dirigir-me a vós, magnífico Reitor e ilustres professores, nesta língua que, descendo das montanhas e dos vales da Península Ibérica, se reinventou nas praias das ilhas atlânticas, mergulhou nas savanas e nos rios da África, penetrou o cerrado e as florestas deste país-continente, percorrendo e desenhando costumes, falas, culturas, sonhos, ambição, criando, do Oiapoque ao Chuí, das fronteiras do Acre às praias da Bahia, esta civilização brasileira, que aguarda, estou certo disso, os seus dias dourados e merecidos. É esta

língua comum - nas suas diferentes falas e sotaques - o sangue que alimenta e faz bater o coração da nossa CPLP – a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, constituída pelos nossos nove países, Na América, Na Europa, em África e na Ásia -, esse espaço onde nos sentimos em casa, onde as nossas histórias se cruzam e o nosso futuro sorri. Para tanto, mister é que todos nós continuemos a empenhar-nos, com determinação, criatividade e fundo sentido do porvir, para que ela concretize a ambição dos nossos povos em ver criada uma verdadeira comunidade de povos e de cidadãos. A vós aqui presentes igualmente é dirigido este apelo.

Aqui me inclino, humildemente, perante vós, agradecendo a vossa paciência por me ouvirem e por este acto de distinta homenagem de que sou alvo e ainda pela forma amiga e fraterna como fui recebido nesta vossa universidade.

Muito obrigado!